



[Atribuição BB CY 4.0](#)

MEMÓRIAS DO ROSÁRIO ENTRE RAINHAS, MESTRAS E MÃES NEGRAS: Histórias de Vida, Memória e Ancestralidade no Centro-Oeste de Minas Gerais

Leonam Maxney Carvalho¹

Fernanda de Souza Vilela²

Jéssica Moreira da Silva³

¹ Professor de História da África e Ensino de História da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG Divinópolis. Orientador nos Projetos: “Entre Rainhas, Mestras e Mães Negras: histórias de vida, memória e ancestralidade de Leste a Oeste de Minas Gerais” (UEMG/PAEx 01/2023); e “Memórias do Rosário cantado & contado: Histórias de Fé e de Vida em Divinópolis e região Centro-Oeste de Minas” (UEMG/PAEx 01/2024 e 01/2025); Coordenador do Projeto Memórias do Rosário cantado e contado: Construindo uma práxis de pesquisa-intervenção com as histórias de fé e vida em Divinópolis-MG - FAPEMIG Edital N° 09/2024; Caixeiro e dançador do Moçambique Santa Bárbara e Nª Sra. do Rosário e Líder do Grupo de Pesquisa sobre Relações Étnico-raciais Quilombo e Tehey Pataxoop (QTP). E-mail: leonam.carvalho@uemg.br

² Psicóloga Social e Institucional, Esquizodramatista e Esquizoanalista, Pesquisadora em cartografia e narrativas afro-indígenas; Co-autora voluntária do Projeto “Memórias do Rosário cantado & contado: Histórias de Fé e de Vida em Divinópolis e região Centro-Oeste de Minas” - Programa De Apoio A Projetos De Extensão Da UEMG Edital PAEx (N° 1/2024 e 01/2025), Unidade Divinópolis; Co-coordenadora do Projeto Memórias do Rosário cantado e contado: Construindo uma práxis de pesquisa-intervenção com as histórias de fé e vida em Divinópolis-MG - FAPEMIG Edital N° 09/2024; Co-coordenadora do Projeto Memórias do Rosário cantado e contado: Construindo uma práxis de pesquisa-intervenção com as histórias de fé e vida em Divinópolis-MG - FAPEMIG Edital N° 09/2024; Capitã adjunta do Moçambique Santa Bárbara e Nª Sra. do Rosário e membra do Grupo de Pesquisa sobre Relações Étnico-raciais Quilombo e Tehey Pataxoop (QTP). E-mail: psicologafernandavilela@gmail.com

³ Discente do Curso de Serviço Social, Mestra dos Saberes Tradicionais, Pesquisadora bolsista; Autora e Co-coordenadora do Projeto “Memórias do Rosário cantado & contado: Histórias de Fé e de Vida em Divinópolis e região Centro-Oeste de Minas”, Programa De Apoio A Projetos De Extensão Da UEMG Edital PAEx (N° 1/2024 e 1/2025), Unidade Divinópolis; Co-coordenadora do Projeto Memórias do Rosário cantado e contado: Construindo uma práxis de pesquisa-

Resumo

Este é um recorte do Projeto “Entre Rainhas, Mestras e Mães Negras” (PAEx/UEMG 01/2023) que busca valorizar histórias de vida de lideranças negras femininas. O principal questionamento discutido é como a História Oral pode contribuir para ressignificar trajetórias destas mulheres, líderes comunitárias, nos municípios mineiros: Ouro Preto, Belo Horizonte, Oliveira, Carmo do Cajuru e Divinópolis. A pesquisa-intervenção utiliza de depoimentos orais, realizados por entrevistas de história de vida e prioriza a restituição para as entrevistadas, o que permite uma abertura de possibilidades para nova conversa, na qual elas resgatam memórias não narradas na primeira entrevista e aprofundam nos temas já abordados, enriquecendo a compreensão de suas trajetórias e experiências. Dessa forma, o projeto, inicialmente planejado para um encerramento linear, tomou “contornos em espiral”, revelando novas narrativas, temáticas e abordagens às memórias. Como resultado, destaca-se o surgimento de um novo projeto, criado por uma das entrevistadas, que assina o título “Memórias do Rosário Cantado & Contado”, em desenvolvimento pelo Edital PAEx 01/2024.

917

Palavras-chave

Mulher negra. Cultura afro-brasileira. História oral. Reinado.

Recebido em: 01/04/2025
Aprovado em: 11/10/2025

intervenção com as histórias de fé e vida em Divinópolis-MG - FAPEMIG Edital Nº 09/2024; Capitã fundadora do Moçambique Santa Bárbara e Nª Sra. do Rosário e membra do Grupo de Pesquisa sobre Relações Étnico-raciais Quilombo e Tehey Pataxoop (QTP). E-mail: contatojessicamoreiradasilva@gmail.com

MEMORIES OF THE ROSARY AMONG BLACK QUEENS, TEACHERS, AND MOTHERS: Life Stories, Memory, and Ancestry in the Central-West of Minas Gerais

Abstract

This is an excerpt from the project “Among Queens, Masters, and Black Mothers” (PAEx/UEMG 01/2023), which seeks to valorize the life stories of black female leaders. The main question discussed is how Oral History can contribute to reframing the trajectories of these women, community leaders, in the municipalities of Minas Gerais: Ouro Preto, Belo Horizonte, Oliveira, Carmo do Cajuru, and Divinópolis. The intervention research utilizes oral testimonies gathered through life history interviews and prioritizes restitution for the interviewees, allowing for the emergence of new conversations where they can recover memories not narrated in the first interview and delve deeper into already discussed themes, enriching the understanding of their trajectories and experiences. In this way, the project, initially planned for a linear conclusion, took on “spiral contours,” revealing new narratives, themes, and approaches to memories. As a result, a new project emerged, created by one of the interviewees, titled “Memories of the Rosário Cantado & Contado,” currently being developed under the PAEx 01/2024 call for proposals.

918

Keywords

Black women, Afro-Brazilian culture, Oral history, Reign.

Este texto pretende-se iniciar e percorrer caminhos de estudos, construções, desconstruções, reconstruções e interpretações cujos princípios estejam nas implicações de sujeitos pesquisadores e pesquisados, embarcando nas suas multiplicidades, expectativas, interesses, saberes e não saberes. Trata-se de uma pesquisa-intervenção (que integra a pesquisa científica com ações práticas, visando não apenas entender um fenômeno, mas também efetuar transformações), que se constrói a partir de narrativas de histórias de vida junto a execução, alguns resultados e possibilidades do projeto “Entre Rainhas, Mestras e Mães Negras: Histórias de Vida, Memória e Ancestralidade de Leste a Oeste de Minas Gerais”, formalizado pelo Edital do Programa de Apoio a Projetos de Extensão (PAEx Nº 1/2023), da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), executado na Unidade Divinópolis.⁴

A partir dos referenciais teórico-conceituais deste projeto e o enlace para sua criação, serão apresentadas e analisadas narrativas das histórias de vida de líderes femininas de comunidades tradicionais mineiras, utilizando como base as metodologias da História Oral, com inspiração na Tecnologia Social de Memória, utilizada pelo Museu da Pessoa (São Paulo, SP). Estas narrativas foram também aproximadas aos conceitos ampliados da Cartografia Esquizodramática e da Sociopoética⁵ em como essas práticas culturais contribuem para a utopia ativa dos objetivos que incluem o campo de reconhecimento das memórias coletivas, a promoção de trocas de experiências entre gerações e o fortalecimento dos vínculos comunitários. A pergunta principal a ser discutida é: Como resgatar as histórias de vida destas lideranças femininas negras do século XXI sob perspectivas afirmativas de r-Existência à vida?

No Brasil, as práticas religiosas afro-brasileiras desempenham um papel crucial na construção de identidades culturais e na resistência histórica das comunidades negras, considera-se aqui que estas visões afirmativas possuem características ligadas às concepções de decolonialidade. Bernardino-Costa e Grosfoguel⁶ lembram que este é um tipo de abordagem plural que tem como base noções de resistência contra os modelos sociais, políticos e econômicos impostos pela modernidade europeia a partir do século XV, e vigente ainda hoje nas manifestações estéticas e sociais do mundo ocidental. Para além desta resistência, a ideia é caminhar por passos epistemológicos de antítese, e centrada

⁴ Este projeto está vinculado ao Grupo de Pesquisa e Extensão em Relações Étnico-Raciais Quilombo e Tehey Pataxoop, sediado na Unidade de Divinópolis da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), e também ao Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho (CEMUD/PortalEmRedes/UEMG), instalado na mesma instituição. Também é parceiro deste projeto o Movimento Negro Unificado de Divinópolis (MUNDI).

⁵ AMORIM, A. Margarete. **O que pode o esquizodrama: inovações em intervenções clínico-institucionais - trajetórias singulares intensivas**. In: Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2023. GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina: Cinco Séculos de Exploração e Resistência**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.

⁶ BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra**. In: Revista Sociedade e Estado. Volume 31, Número 1, Janeiro/Abril 2016.

numa ideia contra hegemônica. Em síntese, adotar abordagens decoloniais implica olhar para o mundo através de lentes que rejeitam a misoginia, o racismo e o eurocentrismo. Essa perspectiva visa desafiar estruturas de opressão e promover uma compreensão mais inclusiva e plural das experiências humanas, valorizando a diversidade de vozes e histórias ⁷ (BERNARDINO-COSTA e GROSFOGUEL, 2016, p. 17).

A cientista social Ana Amélia Laborne, conceitua a branquitude da seguinte forma:

A branquitude é entendida aqui como um modo de comportamento social, a partir de uma situação estruturada de poder, baseada numa racialidade neutra, não nomeada, mas sustentada pelos privilégios sociais continuamente experimentados. Assim, observa-se que a branquitude enquanto esse lugar de poder articula-se nas instituições (universidades, empresas, organismos governamentais, etc.) que são por excelência, conservadoras, reprodutoras, resistentes e cria um contexto propício à manutenção do quadro das desigualdades. Ao mesmo tempo, concordando com as análises de Piza (2005), entendemos que esse conceito nos possibilita incorporar um questionamento do lugar de privilégio associado à identidade branca (LABORNE, 2014, 152).

As lideranças femininas negras são as protagonistas das histórias afirmadas neste trabalho, e estas histórias são contadas por elas mesmas. Estas mulheres assumem seu protagonismo, portanto, atuam desta forma, e têm o reconhecimento entre as pessoas de seu grupo. O que se faz aqui é evidenciar este protagonismo.

Inicialmente foram entrevistadas seis (6) mulheres. Seus perfis de liderança foram resumidos inicialmente, conforme abaixo:

1. Entrevistada 1 (E1): Benzedeira, reinadeira, umbandista, capitã de Guarda de Massambique (Reinado) e liderança da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Oliveira-MG;
2. Entrevistada 2 (E2): Mãe (Ekèdi/Ekéji) do Terreiro de Candomblé Ilê Asé Sòpònnòn, de Belo Horizonte-MG;
3. Entrevistada 3 (E3): Umbandista, com vinte e quatro anos de prática, filha de santo no terreiro de Pai Fábio Egbeogum com seis anos de prática, do Município de Carmo do Cajuru-MG;
4. Entrevistada 4 (E4): Mãe de Umbanda, capoeirista, candomblecista com mais de 12 anos de iniciação de nação Ketu/Angola, Capitã de Guarda de Moçambique (Reinado);
5. Entrevistada 5 (E5): Capitã de Moçambique, Presidenta da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do bairro Vale do Sol em Divinópolis-MG.
6. Entrevistada 6 (E6): Historiadora pela UEMG/Divinópolis, Liderança do coletivo Mãe Preta na cidade de Divinópolis-MG;

⁷ Alguns textos importantes que servirão de base para esta pesquisa são: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. SciELO-EDUFBA, 2008; LABORNE, Ana Amélia de Paula. **Branquitude e colonialidade do saber**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 6, n. 13, p. 148-161, 2014.

Não existem projetos e desconhecem-se artigos e referências bibliográficas que tratam da história dos grupos citados acima, com exceção da Guarda de Moçambique de Ouro Preto, que já foi pesquisada por algumas monografias⁸. Portanto, este projeto é uma ação inovadora que tem como objetivo reconhecer estas pessoas como protagonistas e autoras de suas próprias histórias, em explorações horizontalizadas do terreno inóspito de pesquisa extensionista em suas regiões.

O constructo da pesquisa bem como a seleção das entrevistadas foi gerada a partir da análise de implicação das autoras – duas mulheres negras e uma mulher branca, e dos autores – dois homens brancos, no qual, buscou-se compreender sobre as lacunas a partir do panorama da prática interventiva que possibilita a aprendizagem a partir da oralidade, vivências e de temas emergentes pelas vozes de mulheres negras, com vistas à protagonizar o espaço que favorecem os processos de emancipação e construção de novas experiências e o acolhimento das demandas afetivas, principalmente por ocuparem posições de liderança em seus grupos e, desta forma, possuírem histórias de vida que são referência para estes, conferindo-lhes funções específicas de grande importância. Existem muitas mulheres negras que têm papel importante em suas comunidades em Minas Gerais, tendo, contudo, vivido à margem da história de suas regiões. No Centro-Oeste mineiro não é diferente. A ideia foi criar alguma base para ampliação do reconhecimento destas mulheres, valorização de seus saberes e registro de suas histórias. Isto se faz importante também porque seus conhecimentos são passados oralmente para seus grupos. Com o falecimento, muitos desses conhecimentos se extinguem. Ao se registrar estas histórias em audiovisual, sob as metodologias propostas aqui, espera-se contribuir para que os ensinamentos sejam perpetuados para as próximas gerações, e, portanto, contribui-se também para sua preservação e continuidade.

O recorte destas mulheres também se justifica para as discussões sobre gênero e sobre o papel feminino destas lideranças afrodescendentes. A necessidade de pesquisar sobre temas correlatos a tantos outros, emerge pela existência do preconceito e informações distorcidas entre a população, de forma geral, como resultado do racismo estrutural brasileiro, que gera situações de discriminação violentas já enraizadas na cultura social cotidiana⁹. Silvio de Almeida foi um dos autores que melhor sintetizou o conceito do racismo estrutural brasileiro. Segundo o autor,

...o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte

⁸ REIS, Bruna Gonçalves de Pádua. **“Salve Maria”: as distintas manifestações do Congado na cidade de Ouro Preto (MG)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia)– Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2021. 161 p.

⁹ Sobre este assunto: ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019; RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de fala?** São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019. Ambos da Coleção Feminismos Plurais/ coordenação Djamila Ribeiro/Tópicos para o Seminário: Introdução e Raça e Racismo); MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 5 ed. 2019. Dentre outros.

de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição” (ALMEIDA, 2019, P. 33).

Daí uma das principais importâncias deste trabalho: contribuir para desenraizar e desnaturalizar visões de mundo e comportamentos racistas, contribuindo para a valorização das culturas populares, gerando reconhecimento e instrumentos materiais para sua salvaguarda e permanência, colaborando para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva, democrática e sustentável.

Este tema engloba o registro de histórias de vida dentro das discussões sobre relações étnico-raciais. Neste trabalho, busca-se discutir sobre como estas pessoas afirmam na r-existência de suas histórias de vida, quais são suas demandas e desafios nas relações sociais, como são as suas manifestações culturais, religiosas, rituais, suas visões de mundo, sua relação com a natureza, suas visões da própria história e quais suas perspectivas de futuro e, desta forma, como auxiliar na ampliação da autoestima das pessoas envolvidas.

Dentre os principais procedimentos metodológicos a serem utilizados nesta pesquisa estão as entrevistas de Histórias de Vida da História Oral, que se justificam justamente por ser um método que investiga as únicas fontes capazes de responder às questões propostas: as memórias e narrativas destas lideranças femininas. Este método tem mais de cinquenta anos de desenvolvimento no Brasil. Começou a ser discutido nas décadas de 1970 e 1980, em universidades do sul e sudeste do país, com as primeiras publicações do clássico “A Voz do Passado: História Oral”, de Paul Thompson, inicialmente na versão original em inglês e posteriormente traduzido. Em seguida, publicações como “Usos e Abusos da História Oral” de Marieta de Moraes Ferreira e “Manual de História Oral”, de Verena Alberti, na década de 1990, consolidaram as fontes orais como documentos históricos com mesmo nível de confiabilidade do que qualquer outro.

A virada do século XX para o XXI assistiu à criação da Associação e da Revista Brasileira de História Oral, multiplicando as discussões e aplicações a respeito da História Oral como método que carrega um forte teor político social, que potencializa as vozes de pessoas alijadas dos fatos históricos oficiais. Ao trazer ainda novas abordagens para a produção histórica foi registrada pelo professor e historiador José Carlos Sebe Bom Meihy, como “a mais promissora das tendências de entendimento da sociedade”, na coletânea de artigos intitulada “História Oral: Desafios para o Século XXI” (MEIHY, 2000, p. 85).

Lemos, Perazzo e Oliveira (2022) escreveram um artigo recente na Revista da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), sobre a importância da História de Vida para a reconstrução da identidade de mulheres negras (LEMOS et. all., 2022). A posição adotada aqui é a mesma assumida nesta pesquisa: “valorizar as histórias das pessoas comuns, inseridas no contexto regional, registrando, por meio de entrevistas gravadas, suas narrativas orais de história de vida (Perazzo, 2015), com base em métodos da História Oral” (LEMOS et. all., 2022, p. 96). Conforme as autoras:

As narrativas orais são unidades de interação social que organizam o discurso e a vida social, descrevem a cultura em que se vive e indicam modos de ação legitimados ou não por essa mesma cultura. Quando os sujeitos contam suas histórias, adquirem

A “História de Vida” é uma aplicação metodológica da História Oral que tem reflexo nos tipos de entrevistas a serem pré-estruturadas e aplicadas às/aos narradoras(es) entrevistados(as). Nestes roteiros, são enfatizados aspectos socioculturais e históricos variados das vivências das entrevistadas: da infância e adolescência, suas relações com o seu território, principalmente no que tangencia suas formas de trabalho e produção econômica, diversão, esporte, alimentação, manifestações religiosas e artísticas, suas formas de constituição familiar e educação, assim como sua relação com o meio ambiente, visões de mundo, do passado, do presente e expectativas de futuro. Desta forma, a História de Vida pode ser considerada uma metodologia “inter”, “trans”, e “multidisciplinar”, que pode revelar detalhes sobre acontecimentos e pessoas, sob várias abordagens. Segundo Giglio e Tonini (2021),

(...) por meio das histórias de vida o pesquisador tem acesso ao modo como o entrevistado fala, pode capturar os mais sutis detalhes de suas expressões no momento da narrativa, enfim, “ter acesso aos conteúdos de uma vida que pode ser tomada como individual, mas que carrega consigo os elementos do momento histórico e das instituições com os quais manteve relação” (RUBIO, 2006, p. 21-22; apud GIGLIO e TONINI, 2021, p. 17).

Enquanto isto, a Tecnologia Social da Memória, método criado pelo Museu da Pessoa, nos remete à ideia de que as Histórias de vida são importantes a ponto de serem, todas, consideradas como patrimônio cultural imaterial. De acordo com o site do Museu da Pessoa,¹⁰

História de vida é a narrativa que cada pessoa constrói a partir do conjunto de suas memórias. Essa narrativa é feita sempre a partir de um estímulo e pode variar segundo o contexto em que será feita. Uma história de vida traduz a forma como a pessoa constrói sentido para suas experiências e para sua vida. Ela traduz as experiências passadas e molda a forma com que a pessoa perceberá suas experiências presentes e futuras”. (<https://museudapessoa.org>; acesso em 03/03/2023)

O Museu da Pessoa, criado em 1992, ou seja, com 32 anos de experiência no assunto, atualmente possui mais de 16 mil entrevistas disponíveis para pesquisa por meio de seu site. Segundo Karen Workman, atual curadora do Museu, em sua tese de doutorado, explica que:

Quando começou as experiências na *internet*, o Museu da Pessoa foi se tornando, cada vez mais, um museu virtual, cuja prioridade era a de fomentar um registro colaborativo de histórias de vida. Foi um período durante o qual conceitos abstratos, tais como a ideia de que todo mundo pode se fazer acervo de um museu, presente desde a fundação do Museu da Pessoa, puderam ser

¹⁰ Disponível em: [Home - Museu da Pessoa \(https://museudapessoa.org\)](https://museudapessoa.org). Acesso em 03/03/2023).

aplicados. A ideia de um museu aberto, construído em rede, que permitisse, da forma mais ampla possível, ao público participar como criador de suas coleções, possibilitou que se repensassem os conceitos tradicionais de espaço, coleção e preservação, assim como abriu espaço para a transformação da própria cadeia de produção de museus, na medida em que o público pôde se tornar um potencial produtor de informação (WORKMAN, 2021, P. 93, apud WORKMAN, 2022).

Dentre os vários tipos de Tecnologias Sociais existentes hoje em território nacional, em 2019, a Tecnologia Social da Memória do Museu da Pessoa é certificada pela Fundação Banco do Brasil, que possui um acervo destas tecnologias. Entre seus princípios, estão a Solução de Problema Social, a aplicação com Baixo Custo, e possibilidade de Fácil Re-aplicabilidade; e o fator de Impacto social.

O projeto que deu origem a este texto, um recorte, teve como objetivo geral a valorização e o registro das memórias de lideranças negras femininas. Por meio dos registros, pôde-se gerar um acervo material ou conteúdo em audiovisual; fortaleceu-se o caráter extensionista da UEMG/ Unidade Divinópolis; foi iniciado uma cartografia das manifestações religiosas de matriz africana e afro-brasileira nos municípios citados; contribuiu-se para a disseminação e o desenvolvimento de conhecimentos, posturas e valores antirracistas; ampliou-se as discussões sobre a História Oral e sua importância para a memória regional e para a Educação para as Relações Étnico-raciais, no interior de Minas Gerais; e também enfatizou aspectos socioculturais afro-diaspóricos na relação que os mineiros estabelecem com o seu território, principalmente no que tangencia a inclusão cultural e cidadania ativa a partir de suas formas de trabalho e geração de renda, sua alimentação, seu lazer e seu cotidiano, suas manifestações religiosas e artísticas, suas formas de constituição familiar e de educação, assim como sua relação com o meio ambiente e a sustentabilidade, conhecimentos ancestrais e medicinais tradicionais, e sobretudo fortalecendo a identidade de mulheres favorecendo processos de emancipação, construção de autonomia e solidariedade entre as pessoas envolvidas, transformando a relação com o mundo e construindo a própria historicidade.

Nessas práxis, o exercício de ir ao encontro das relações e suas subjetividades, na perspectiva da transversalidade, procura somado a gerar e elaborar pistas em moldes de estratégias imersivas-interventivas-vivenciais, que abarque na deflagração de processos instituintes e de transformações no cotidiano das relações étnico-raciais.

É importante ressaltar que este projeto serviu e desde o início tinha o objetivo de servir como um projeto piloto, ou seja, protótipo, para se iniciar uma equipe de professores e alunos na pesquisa de caráter extensionista que a História Oral proporciona. E, ainda mais importante, reconhecer as potencialidades transversais que as lideranças negras locais têm para contribuir para a história das populações de suas regiões, valorizando, resgatando e acompanhando o processo de suas histórias de vida, e, colaborando para que elas se reinventam em visões afirmativas de todo seu percurso. Desta forma, foi possível que uma destas entrevistadas elaborasse um projeto de sua própria autoria, para dar continuidade à valorização das memórias de seu povo, de sua religiosidade e de sua cultura. O projeto “Memórias do Rosário Cantado & Contado” vem neste

sentido sendo desenvolvido pela entrevistada em questão, coautora deste artigo, em conjunto com as(os) outras(os) coautoras(es).

Este trabalho tem como base as demandas da Lei nº. 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003; e da Lei nº. 11.645/2008, de 10 de março de 2008, que obrigam o ensino de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena no ensino básico e superior brasileiros. Assim como atender à Resolução do Conselho Nacional de Educação CNE nº 01/2004, que Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Enquanto na Lei 10.639/2003, não há muitas dúvidas sobre ao “o que” se obriga, se faz importante apresentar um pouco do conteúdo das referidas DCN’s citadas acima, para se compreender como este trabalho atende a estas leis e como também atende às demandas sociais que estão refletidas nestas. Demandas importantes e urgentes de reparação social de grande parte da população brasileira. Estas DCN’s, portanto, se constituem de

(...) orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática (BRASIL, 2004, P. 31).

No mesmo, constam alguns princípios que embasam o trabalho educacional sobre a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Entre elas, destacam-se:

Em História da África, tratada em perspectiva positiva, não só de denúncia da miséria e discriminações que atingem o continente, nos tópicos pertinentes se fará articuladamente com a história dos afrodescendentes no Brasil e serão abordados temas relativos: – ao papel dos anciãos e dos griots como guardiões da memória histórica; – à história da ancestralidade e religiosidade africana; (...) (BRASIL, 2004, P. 21-22).

No trecho acima, grifado por nós, evidencia-se a necessidade de se articular a história da África com a dos afrodescendentes no Brasil. Destaca-se o trecho em que se aborda a importância de se compreender as formas como os anciãos e os griots se tornam “guardiões da memória histórica”. Tendo em vista que este projeto visa resgatar e valorizar as histórias de vida de líderes femininas de comunidades tradicionais mineiras afrodescendentes, buscamos a discussão sobre como estas mulheres se aproximam ou se distanciam enquanto “anciãs e guardiãs da memória” destes grupos.

Para que estas leis “saíam do papel”, e encontrem profissionais e instituições da educação que as coloquem em prática de forma robusta, organizada e bem embasada, precisam de material conciso e de qualidade. Esta pesquisa visa gerar parte desta base material e de conhecimento para que professores(as), educadores(as) e comunidades escolares possam repensar e transformar suas práticas educacionais no sentido de alcançar o principal objetivo da Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 1 de 17 de

Junho de 2004¹¹: “(art. 2º) promover alteração positiva na realidade vivenciada pela população negra e trilhar rumo a uma sociedade democrática, justa e igualitária, revertendo os perversos efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo” (BRASIL, 2004, p.31).

Ainda nestas DCNs, considera-se, dentre outros, o princípio de que “o ensino de Cultura Afro-Brasileira destaca o jeito próprio de ser, viver e pensar manifestado tanto no dia-a-dia, quanto em celebrações como congadas, moçambiques, ensaios, maracatus, rodas de samba, entre outras”. E ainda que se deve prezar para a “valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, por exemplo, como a dança, marcas da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura” (BRASIL, 2004, p. 20, 22).

A intenção deste trabalho, conforme as Diretrizes para a Educação para as Relações Étnico-raciais prevê, é resgatar histórias de vida de personagens negras de nossa história, sob perspectivas afirmativas. Isto foi feito junto com estas pessoas, que se tornam então, coautoras do projeto. Desta forma, mostra-se seu protagonismo histórico e suas demandas, suas visões de mundo, de sua história e de sua cultura. Mesmo que tenham vivido às margens da história oficial, e que tenham sofrido situações de racismo, misoginia, preconceito, ou quaisquer outras opressões sociais, estas mulheres não se resumem em violências, elas têm voz que ecoam de seus corpos transversais. Elas possuem conhecimentos e visões de mundo singulares, e ao mesmo tempo, vivências múltiplas e enredadas com historicidades que podem ser compartilhadas e potencializadas com outras mulheres e outros grupos religiosos de matriz africana.

Por se tratar de elementos culturais populares, este projeto carrega o incentivo ao protagonismo destas comunidades, e desta forma, auxiliam na ampliação da autoestima das pessoas envolvidas. Além disso, as ações previstas promovem resultados materiais para as populações ao redor das entrevistadas. Poderão servir para construção de atividades de geração de renda, autopromoção social, protagonismo, construção identitária e valorização da vida, das experiências e tradições, das culturas, artes e dos costumes, e também do trabalho e das visões de mundo, de seu próprio passado, da sua situação presente e abre perspectivas para o futuro, com cunho afirmativo.

A história oral entre rainhas, mestras e mães negras

O processo metodológico de geração e sistematização das informações coletadas nas entrevistas, baseia-se na História Oral, por ser um método consolidado na historiografia brasileira desde o século XX (ALBERTI, 2004, p. 18-19). Caracterizada por interdisciplinaridade, de forma a permitir o diálogo com: antropologia, sociologia, psicologia, e outras ciências, outro aspecto importante a ser destacado também é a capacidade de dar importância às vozes de personagens históricos que estiveram excluídos da historiografia dos “grandes feitos”, ou da história “oficial” e oportunizar espaços para que essas vozes possam ecoar. A história oral promove acessibilidade “às experiências daqueles que vivem às margens do poder, e cujas vozes estão ocultas e porque suas vidas são muito

¹¹ CNE/CP Resolução 1/2004. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11.

menos prováveis de serem documentadas nos arquivos” (THOMPSON, 2002, p. 16).

Claudete de Souza Nogueira analisou a importância da História Oral para os estudos com grupos étnicos. Segundo a autora, “a história oral permite que os grupos envolvidos reinterpretem suas memórias e as incorporem a uma luta social” (NOGUEIRA, 2013, p. 64). Ainda de acordo com a autora,

Nessa perspectiva, a opção pela metodologia da história oral possibilitou reconstruir, a partir da memória dos depoentes, aspectos de sua cultura e experiências cotidianas, até então esquecidas ou pouco estudadas. Esse processo de rememoração trouxe à tona elementos que contribuíram para a (re)construção de memórias, assim como de identidades enquanto sujeitos étnicos. Ou seja, o contato com os pesquisadores proporcionou um espaço de reflexões por meio das conversas, depoimentos, relatos de experiências conjuntas, resultando no reconhecimento da necessidade de dar visibilidade à sua cultura e na ampliação do diálogo com o poder público local (NOGUEIRA, 2013, p. 53).

A História Oral se consolidou no Brasil na década de 1970, no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas. Como afirmou Aspázia Camargo na apresentação da primeira edição do “Manual de História Oral” de Verena Alberti (2004), o CPDOC surgiu como a:

(...) combinação entre as técnicas recém-difundidas da História Oral (constituída por um conjunto sistemático, diversificado e articulado de depoimentos gravados em torno de um tema) e o velho método de história de vida, que a nosso ver, garantiria à história oral o rigor, a fidedignidade e a riqueza que a técnica por si mesma não possuía: nada mais consistente do que uma longa vida que se decifra, com a chancela de um gravador (ALBERTI, 2004, p. 12).

Os depoimentos orais são fontes históricas que devem ser analisadas, criticadas e problematizadas como todas as outras (CAMARGO, apud ALBERTI, 2004, p. 13). Outro autor que se debruça de longa data sobre os métodos da História Oral, é José Carlos Sebe Bom Meihy, que a confirma como um conjunto de “processos decorrentes de entrevistas gravadas, transcritas e colocadas a público segundo critérios predeterminados pela existência de um projeto estabelecido” (MEIHY, 2000, p. 85). Destaca ainda o autor que a História Oral tende a ser “a mais promissora das tendências de entendimento da sociedade” (MEIHY, 2000, p. 85).

A importância deste método se coloca também como “forma de diálogo com a sociedade mais ampla que a academia”, e seu caráter instrumental como “portadora de denúncias sociais e formuladora de base para políticas públicas” (MEIHY, 2000, p. 86). Desta forma, A História Oral se faz importantíssima para os objetivos deste projeto, como uma metodologia inovadora, questionadora e decolonial. Consolida Meihy:

O tom político da história oral, portanto, matiza a história oral brasileira como se ela fosse uma nova solução para o entendimento da sociedade, pois superaria as insatisfações das análises sociais moldadas em alternativas disciplinares que se poderiam enquadrar no conceito de "tradicionais", "conservadoras" e "insuficientes", para apontar alternativas de políticas públicas" (MEIHY, 2000, p.86).

Refletir com a filosofia de Deleuze e Guatarri, é embarcar sobre a multiplicidade e a dinâmica das narrativas, no qual a história é um campo de forças em movimento, onde os relatos orais se entrelaçam com as narrativas coletivas, criando múltiplas possibilidades de sentido e resistência contra a opressão. A metáfora do rizoma, utilizada pelos autores, sugere que o conhecimento e a experiência se desenvolvem de forma não linear, assim como as histórias contadas oralmente se conectam e ramificam, criando novos significados e compreensões.

Por se tratar de histórias de vida, a intenção é levantar aspectos da memória que tenham algum teor de possibilidades para evidenciar aspectos afirmativos que sejam vistos pelos entrevistados como algo que vale a pena relembrar e registrar. Inicialmente, foram feitos contatos preliminares e algumas entrevistas com caráter exploratório, evidenciando experiências importantes para a valorização da história dos temas descritos.

A ideia sempre foi a de deixar a entrevistada à vontade para dispor as informações. Estas pessoas receberam uma entrevista pré-estruturada com antecedência, para se familiarizar com as temáticas abordadas, e, poderiam deliberar sobre quais questões desejariam falar e quais seriam excluídas. As entrevistadas ficaram livres para escolher os horários, os locais e a duração da entrevista. Inicialmente, estas entrevistas tinham previsão de duração de 40 a 60 minutos, para evitar constrangimentos, cansaços, ou quaisquer outros possíveis incômodos à entrevistada. É importante para a pesquisa e para as/os pesquisadoras(es), que as entrevistadas se sintam satisfeitas, inspiradas, motivadas e dispostas para as entrevistas. No caso de perceber-se algo que pudesse deixar as entrevistadas encabuladas, receosas ou incomodadas, a entrevista seria imediatamente corrigida e, caso necessário, seria adiada ou cancelada, zelando sempre pelo bem-estar das depoentes.

Dentre as informações coletadas na entrevista, estão dados pessoais como: nome, idade, sexo, profissão, e-mails e telefones de contato, e diversificadas informações sobre história de vida, como: experiências de vida na infância, adolescência e vida adulta, aspectos religiosos, relações sociais e questões sobre o trabalho, a família e em outros ambientes, visões de mundo, relações com a natureza, valores culturais, sociais, éticos, educacionais. Compreendendo a importância de se manter estas informações bem guardadas e protegidas, estabelece-se também neste trabalho, o princípio da confidencialidade, prevista pelo inciso IV do art. 2º na Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Plenário do Conselho Nacional de Saúde: "IV – confidencialidade: é a garantia do resguardo das informações dadas em confiança e a proteção contra a sua revelação não autorizada" (BRASIL, 2016).

As metodologias da história oral já possuem um arcabouço de posturas e uma predisposição para o respeito à memória da(o) entrevistada(o) e às suas narrativas. Ainda para deixá-la(o) mais bem disposta(o) para a entrevista, apresentou-se os encontros com caráter de conversa informal, quando se segue um roteiro pré-estabelecido, mas não há cortes ou interrupções na fala do entrevistado, deixando-a(o) continuar seus raciocínios e narrativas, respeitando momentos de silêncio e pedidos de pausa. Paul Thompsom já advertia que:

Há algumas habilidades essenciais que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição de ficar calado e escutar (THOMPSON, 2002, p. 254).

Para aprofundar a análise das narrativas e experiências das mulheres negras no contexto do Centro-Oeste de Minas Gerais, evidencia-se a importância de dialogar com autoras negras contemporâneas, como Conceição Evaristo e Maria Carolina de Jesus. Tais autoras articulam temas centrais como ancestralidade, memória, racismo estrutural e resistência feminina negra, ampliando o entendimento sobre as dinâmicas sociais enfrentadas pelas entrevistadas. Incorporar essas perspectivas contribui para enriquecer a interpretação dos relatos, conectando-os com debates atuais sobre identidade, gênero e etnicidade no Brasil.

As narrativas que emergem aqui não são apenas registros, mas atos de existência. Como lembra *bell hooks*, “falar é um gesto de libertação quando a boca aprende a dizer aquilo que o mundo tentou calar”. As mulheres que aceitaram contar suas histórias não o fizeram para ilustrar teorias, mas para deslocar fronteiras de sentido — elas falam para manter vivo aquilo que, em muitos contextos, foi silenciado pelo racismo, pelo patriarcado e pela colonialidade.

A cada fala, percebemos a força daquilo que Conceição Evaristo nomeia como *escrevivência*: “a escrita que vem do vivido”, aqui reconfigurada como *narrar-vida*. Mais do que fontes, essas mulheres são autoras de mundos. Não buscamos “usar” suas histórias como exemplo, mas permitir que suas vozes conduzam a análise, invertendo a lógica acadêmica tradicional. Assim, cada trecho narrativo que compõe esta escrita não é citação — é presença, é corpo, é continuidade de um fio ancestral que não aceita ser arquivado.

Portanto, este trabalho e esta relação que foi criada com as entrevistadas têm um caráter psicológico que vai da revisão ou reestruturação de conceitos próprios da sua existência. Não é de nosso interesse movimentar situações desagradáveis, traumáticas que disparem angústia ou qualquer outro tipo de sofrimento psicológico. Ao contrário, a ideia é incentivar a afirmação de aspectos auto interpretativos da história de vida, construindo pontos significativos de suas identidades culturais. A Psicologia Social também ajuda a compreender e respeitar as diferentes percepções e experiências das entrevistadas, promovendo um diálogo autêntico e horizontalizado.

No relacionamento com as mulheres entrevistadas, tomou-se como diretriz o cuidado em explicar todos os detalhes do processo e de deixá-las muito

à vontade para expor suas opiniões críticas, para interromper a entrevista quando achar necessário e também para coordenar o processo de entrevista junto com a equipe de pesquisadoras(es). As entrevistadas se tornam as coordenadoras da pesquisa, podendo direcioná-la para onde (e quando) se sentirem mais confortáveis, para o caminho que acharem que é devido. Desta forma, caso tivesse ocorrido alguma situação desagradável, conforme já descrito anteriormente, a própria entrevistada poderia adotar uma nova direção, abrindo para novas possibilidades. Desta forma, abre-se caminhos outros ao encontro da ampliação e da valorização da própria vida e das experiências relatadas por estas pessoas.

Ao trazer narrativas sobre estes resgates identitários, para os ambientes acadêmicos, para ambientes de socialização de conhecimento, conforme previsto neste projeto, trouxemos para o debate, aspectos sociais e históricos da realidade mineira que são de extrema importância para o bem-estar social. Discutir sobre o encontro com as identidades afro-brasileiras é algo que merece atenção e cuidados, pois o Brasil é um país que apresenta uma história íntima com o preconceito racial e de gênero, e variadas formas de racismo estrutural e misoginia, com diversos problemas sociais naturalizados como desigualdades econômicas, pejorativos relacionados a trabalhos manuais e ofícios camponeses, desigualdade de gênero, dentre outros. E este projeto vem com a intenção de potencializar as mulheres a ressignificar estas situações, reagirem contra as violências em todas as suas estruturas, e se transformarem social, histórica, estética e politicamente. Além disso, visa promover sob perspectivas afirmativas, a socialização de histórias de vida que possam inspirar outras pessoas a historicizar em devires de enunciação da sua própria existência, e a valorizarem suas vivências enquanto histórias que tem grande importância, tanto quanto a história de lideranças políticas ou da administração governamental.

Conforme evidenciado, no caso em que a entrevistada se sinta prejudicada de alguma forma com o andamento da pesquisa, ela pode, em qualquer momento, interrompê-la, avisando aos(as) pesquisadores(as) sobre sua insatisfação. Conforme prescrito no inciso III da Res. 510/2016: “a garantia de plena liberdade do participante da pesquisa para decidir sobre sua participação, podendo retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo algum” (BRASIL, 2016).

Para impedir estes danos, são tomados os seguintes cuidados: o(a) entrevistado(a) é informado de todos os processos do projeto; todas as narrativas que forem usadas nos textos dos resultados ou que forem publicados, antes são repassados ao(a) entrevistado(a) para sua apreciação e anuência. Além disso, é garantido o direito ao sigilo das informações sobre os(as) entrevistados(as), conforme inciso IV, da Res. 510/2016: “a garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa seja pessoa ou grupo de pessoas, durante todas as fases da pesquisa, exceto quando houver sua manifestação explícita em sentido contrário, mesmo após o término da pesquisa” (BRASIL, 2016).

Ressaltamos que a participação das entrevistadas é voluntária e que a decisão de não participação não afeta em nada em sua vida pessoal ou profissional. A entrevistada pode deixar de participar a qualquer momento, sem prejuízo nenhum.

Os locais de realização e registro das narrativas são escolhidos também pelas entrevistadas, e a divulgação de suas falas são acordadas previamente entre elas e os realizadores do projeto. O objetivo é criar um ambiente confortável para que a entrevistada possa falar sobre os acontecimentos, compartilhar suas experiências e expressar suas opiniões, incentivando-a a acessar suas memórias em locais e com recursos que facilitem o registro de suas narrativas.

As perguntas da entrevista são formuladas de maneira direta, e a escuta ativa, que valoriza tanto as respostas quanto a fluidez da conversa, é o aspecto central do processo. Após o registro, o arquivo audiovisual é transferido para um HD externo, e uma cópia é salva na nuvem, garantindo sua segurança. Em seguida, as entrevistas foram transcritas. A partir disso, uma reunião é agendada com as entrevistadas para a entrega do material e a discussão dos resultados, permitindo que suas opiniões e feedbacks sejam incorporados para aprimorar o processo.

As mulheres negras desempenham papéis cruciais em suas comunidades, mas frequentemente enfrentam preconceitos e discriminações que invisibilizam suas contribuições. O projeto buscou não apenas documentar suas histórias, mas também promover a valorização de seus saberes e práticas culturais. Ao registrar essas narrativas, o projeto contribui para a construção de uma memória coletiva que reconhece a importância das experiências afro-brasileiras na formação da identidade nacional. Conforme Claudete Nogueira experienciou em sua pesquisa sobre o batuque de umbigada, que a cultura afro-brasileira pode ser concebida como uma teia, em que

significados e interpretações são construídos pelo grupo que vivenciou o batuque de umbigada, cujos membros tornam-se intérpretes e transmissores, a partir do momento em que herdam essa cultura e recebem ensinamentos de seus ancestrais. Partimos do pressuposto de que essa vivência cultural expressa a existência de uma tradição oral afro-brasileira como ponto fundamental para a reconstituição de uma história local. Nesse contexto, foram considerados os mitos e a visão de mundo que fazem parte das experiências e vivências do grupo (NOGUEIRA, 2013, p. 53).

Uma ação importante deste projeto foi a devolutiva para as entrevistadas. Desde o início, havíamos designado os dois últimos meses do cronograma para esta etapa, em que as transcrições e os arquivos de audiovisual que fossem gerados seriam devolvidos para as entrevistadas. Uma concepção teórica, que aqui foi colocada em prática foi a de que estas entrevistadas são donas dos produtos deste trabalho. Portanto, têm o direito sobre as imagens, narrativas, transcrições, áudios, fotos, filmagens e quaisquer outros materiais que surgissem desta empreitada.

O processo metodológico adotado privilegiou uma escuta ativa e cuidadosa, possibilitando que as entrevistadas revissem suas próprias histórias em momentos subsequentes à gravação inicial. Essa prática, denominada devolutiva, revelou-se fundamental para o aprofundamento das narrativas, ampliando a compreensão das trajetórias e fortalecendo o vínculo entre pesquisadoras e entrevistadas. Ademais, procurou-se garantir um ambiente confortável e respeitoso, com espaços de confidencialidade e autonomia para as

participantes, em consonância com as diretrizes éticas estipuladas pela Resolução 510/2016.

Durante a primeira das devoluções, marcamos uma reunião *on-line* com a entrevistada e propomos a devolução dos arquivos e uma conversa sobre sua entrevista. A intenção era saber se ela queria falar sobre mais algum assunto, ou reforçar algum momento da narrativa gravada, conceber alguma crítica, sugestão ou possibilidade de melhoria. Enfim, obter um retorno construtivo do nosso trabalho. A primeira entrevista com ela tinha resultado em uma gravação de quase 180 minutos. Esta segunda conversa rendeu outra gravação de mais 150 minutos, com novos assuntos, momentos e processos históricos pelos quais ela passou e não tinha mencionado anteriormente. Foi um reencontro de muitas emoções, alegrias, sorrisos, e momentos de descontração e lembranças.

Conclui-se, a partir desta experiência, que essa devolutiva deveria ser mais cuidadosa e sistematicamente planejada, no sentido de ser um segundo momento de ouvir, registrar, propor, perguntar, compreender, por meio de uma escuta ativa e consciente novas narrativas daquelas mulheres. Todas as entrevistadas se mostraram muito desejosas de escuta e atenção quanto às suas demandas e histórias e sempre comentavam, após o desligamento das câmeras, sobre algum fato ou momento de suas vidas que elas consideravam importantes de serem lembrados. Todas elas tinham consciência da importância de suas narrativas e se mostraram satisfeitas por suas vozes poderem ecoar de forma afirmativa e potente, em ambientes em que elas ainda não tiveram a oportunidade de habitar, como as instituições de ensino superior.

Ressalta-se, portanto, o caráter espiral deste projeto, que em sua fase final se mostrou ainda mais potencializado e aquela fase que havia sido programada para ser uma conclusão, um encerramento, se tornou o início de novas empreitadas, novas entrevistas, novas escutas, novas rodas de conversa.

Entrevistas de história de vida feitas com mulheres negras no atual contexto brasileiro, ou pelo menos, do centro-oeste mineiro, independentemente de sua duração, não encerra as memórias de uma vida inteira. São necessárias novas voltas à estas memórias e narrativas, mesmo que nesta circularidade, idas e vindas, não se consiga mais perpassar pelos mesmos lugares, pessoas e contextos. Ou mesmo que estes lugares, pessoas e contextos tenham tomado outras formas, contornos e significados, a partir dos momentos em que foram acionados, emergidos, visitados, registrados, lembrados e colocados em alguma situação de análise, pelas próprias narradoras. A história oral, nesta empreitada, se mostrou então ainda mais complexa e surpreendente positiva e afirmativamente.

O ecoar das vozes delas

O projeto buscou não apenas documentar suas experiências, mas também amplificar suas vozes, reconhecendo a importância de suas contribuições para a sociedade e para a preservação da memória coletiva. Ao conhecer essas líderes, podemos entender melhor os desafios que enfrentam e a força que trazem para suas comunidades, promovendo um futuro mais justo, inclusivo, solidário e transversal.

A entrevistada (E1), convida com sua reflexão sobre a espiritualidade e os fundamentos do reinado, ressaltando a importância das tradições e a dedicação em preservar a memória e os rituais herdados dos seus antepassados. Ela discute as dificuldades enfrentadas para manter as tradições e as práticas do reinado em meio às mudanças da modernidade. Para ela, o uso do celular, por exemplo, não é permitido entre os dançadores durante a festa, pois considera o evento uma experiência espiritual profunda e de respeito aos antepassados, mencionando que essa dedicação é uma forma de honrar a memória dos seus pais e de manter vivos os ensinamentos ancestrais que eles transmitiram. Conforme E1,

“eu ainda tô trabalhando muito dentro daquilo que que o meu pai aprendeu e o que eu aprendi com ele, então por exemplo eu tenho fundamentos aqui que a maioria dos reinadeiros não fazem (...) a festa não é da igreja, foram obrigados a colocar a igreja para parar de morrer gente, a pessoa vem da África com a sua maneira de crer a sua maneira de manifestar a sua fé, e os opressores obrigavam que eles tinham que aceitar o cristianismo, que tinham que aceitar a Igreja.”

Além disso, detalha sobre a vida no passado e as dificuldades enfrentadas por sua família. A falta de recursos básicos, como luz elétrica e água encanada, tornou o cotidiano árduo, especialmente na semana de festa do reinado, quando a necessidade de água era grande. Ela relembra que, apesar da pobreza, sua mãe sempre se esforçava para prover o melhor alimento para a família nessa semana especial, o que, para ela, reforça o compromisso com a celebração e a resistência cultural. Ao abordar a religiosidade de sua família, destaca o papel do seu pai, que assumiu o reinado com 14 anos e enfrentou muitas batalhas para sustentar as tradições. Ela relembra os conflitos que seu pai teve com a Igreja, que, por meio de figuras como Dom Cabral, tentou impedir a continuidade das festas e a prática das tradições afro-brasileiras. O pai da entrevistada resistiu, e essa luta marcou a história de sua família e da comunidade. Um trecho marcante relatado sobre a ancestralidade e a conexão espiritual do reinado, que é transmitido entre gerações, é:

"Meus pais são reinadeiros, eu recebi o reinado em herança, da qual eu tenho muita alegria e muita satisfação, onde foi que eu entendi, aprendi. De onde eu vim, para eu saber para onde eu vou. E aqui no reinado que eu aprendi a verdadeira história do povo africano e dos afrodescendentes, que é nem diferente do que as escolas ensinam, bem diferente..."

Este trecho elucida a importância da tradição oral e das práticas culturais para a preservação da memória e da identidade afro-brasileira, transmitindo uma visão do reinado como um espaço de resistência e celebração da ancestralidade.

A entrevistada (E2), relata sobre uma infância de superação e sacrifício familiar, marcada pela perda precoce do pai e pela luta da mãe para sustentar os filhos em condições de grande dificuldade financeira. A família viveu em um espaço modesto, onde a narradora, ainda criança, assumiu a responsabilidade de cuidar dos irmãos mais novos durante as noites em que a mãe trabalhava. Sobre a história de sua mãe, acrescenta a história de sua avó e sua própria, interligadas,

dentre outras coisas, pela sua primeira experiência com o racismo, já que sua mãe branca se casou com seu pai, um homem negro:

Durante a minha infância e adolescência, eu ouvi muitas histórias a respeito desse casamento interracial. Primeiro foi que minha avó materna se mostrou extremamente racista e repudiou o relacionamento de meus pais. E, com isso, como eu fui o primeiro fruto desta relação, eu fui repugnada e nunca fui aceita pela minha avó materna. Em função do relacionamento de meus pais, houve um afastamento completo da família de minha avó. Dizem que minha avó chegou a oferecer à minha mãe ajuda para se livrar do incômodo dessa primeira gestação, porque para ela eu já era vista como um incômodo. Quando minha mãe não aceitou a ajuda, não aceitou a proposta, aí sim, romperam de vez. Eu acho, quando eu escutei essa história, que a história do meu nascimento foi a minha primeira experiência de racismo. Assim, antes mesmo de eu me reconhecer como um ser, reconhecer minha própria existência, me reconhecer como preta, me sentir preta, eu já sabia que eu era. Alguns hoje me classificam como parda, outros me chamam de negra, seguindo essa teoria do colorismo. Mas nessa análise, só sei que não sou retinta, mas eu sou preta. Eu me reconheço como preta, levando em conta não somente a cor da minha pele, mas o meu cabelo crespo e toda a minha história.

934

O apoio de uma vizinha acolhedora, que oferecia alimento e companhia, trouxe algum alívio e conforto em meio às dificuldades. Mais tarde, a narradora conheceu duas irmãs mais velhas, com as quais passou a dividir o lar apertado e a enfrentar os desafios da convivência. Apesar das brigas e da disciplina rígida imposta pela mãe, a experiência aproximou os irmãos, criando laços profundos e uma união que superou as adversidades.

Uma citação impactante do relato é quando a entrevistada reflete sobre o vínculo entre os irmãos, apesar das dificuldades e diferenças: "Nunca nos vimos como irmãos somente por parte de mãe. Somos irmãos, e ponto. Não tinha essa diferença de paternidade... Somos, simplesmente, irmãos." Essa frase mostra a força da união que se formou entre eles, acima de qualquer distinção familiar, e reflete o espírito de solidariedade que os sustentou. A trajetória revela o impacto positivo da solidariedade e da união familiar, que se tornaram os maiores aprendizados e fonte de força para a narradora.

A entrevistada (E3) descreve sua infância como um período de aprendizado, onde a ausência materna a fez amadurecer precocemente. Sua relação com seus irmãos, sendo a do meio entre cinco, foi uma fonte de apoio, mesmo em um lar onde a rigidez do pai predominava. Apesar das dificuldades, ela carrega memórias afetuosas, especialmente em relação à sua avó materna e paterna, que tiveram um papel significativo em sua vida, embora a convivência tenha sido limitada. Como mulher parda, ela convida para a consciência da herança étnica, originada de uma mistura de culturas, com um avô negro e uma avó indígena. Essa identidade multifacetada reflete-se em suas experiências e na forma como ela vê sua família, onde a diversidade étnica é uma constante no qual,

inspira sobre a conexão com suas raízes indígenas, apesar do contato limitado, e menciona histórias da bisavó que vivia de maneira autossustentável no mato.

O testemunho da entrevistada é potente às lentes de intersecção entre identidade, espiritualidade e o desejo de ajudar os outros. Sua jornada é marcada por desafios e conquistas, refletindo a luta e a determinação de uma mulher que, ao encontrar seu caminho na Umbanda, não apenas se fortalece, mas também se torna um pilar para a comunidade ao seu redor. Através de sua vivência, ensina sobre a importância de abraçar nossas raízes, entender nossa identidade e, acima de tudo, agir em prol do bem-estar coletivo. Ela compartilha como sua fé e a conexão com o espiritual a sustentam em momentos desafiadores. O amor maternal é visto como uma forma de cura, não apenas para seu filho, mas também para ela mesma, "a maternidade é uma jornada sagrada, onde cada pequeno avanço é celebrado como um milagre, guiado pela força da fé e do amor."

a falta da minha mãe fez a gente amadurecer muito cedo né porque nunca é igual, eu falo né com os meus filhos hoje eles têm o privilégio de chegar da escola ter um almoço prontinho, né a roupinha lavada a casa limpa e mesmo até mesmo um abraço de mãe coisa que eu não tive né, tive só até os 9 anos (...).

Por fim, o conhecimento sobre ervas e tradições alimentares a conecta com suas raízes culturais e espirituais, criando um ambiente de acolhimento e partilha. De acordo com ela, "fava de eridan(?) né uma mágica né uma fava que te limpa te equilibra né te deixa você vamos dizer assim expulsa todos os maus fluidos né, de Oxalá também". Para ela, a cozinha é um espaço sagrado onde a espiritualidade se manifesta, promovendo a cura e a união entre as pessoas, ilustrando como a espiritualidade e a alimentação estão interligadas, criando um espaço de amor, cura e comunidade.

A entrevistada (E4), por meio de suas vivências, reflete sobre a importância de suas raízes e das tradições que moldaram sua vida. Cresceu em um ambiente familiar conturbado, devido ao alcoolismo de seu pai, o que gerou uma série de desafios em sua infância. Apesar disso, sua infância foi marcada por momentos de alegria, brincadeiras na rua e um forte senso de liberdade, convivendo com outras crianças. Ela reconhece como cada experiência, cada aprendizado e cada perda contribuíram para seu crescimento pessoal e artístico. Sobre a sua história com a capoeira, seu depoimento transcende. Afirma que começou a praticar a capoeira,

deve ter sido uns sete (7), oito (8), [anos de idade] e fui, até o ano que eu perdi meu irmão. Depois que eu perdi meu irmão, eu até tento, de vez em quando eu vou, mas eu não consigo, porque querendo ou não, quando eu perdi meu irmão, foi nesse projeto social. Se eu não me engano esse projeto social foi até 2013... dois mil e treze! Ele tava numa potência muito grande! Foi o ano que meu irmão faleceu! Meu irmão dava aula, e infelizmente meu irmão morreu em um dia da capoeira! Então, tipo assim, foi algo muito forte, muito marcante, e que, querendo ou não, me causou um bloqueio muito grande, porque nós fizemos uma roda de capoeira com meu irmão ali morto. Catamo, tocamos, então foi algo muito foda! Então toda vez que eu voltava pro projeto, que

eu ia treinar, eu via ele ali, eu sentia ele ali, mesmo tendo perdido ele, eu continuei dando aula. Só que não foi fácil! Porque a presença dele ali era muito forte! Né, então, tipo assim, por mais que ele, querendo ou não ele era alegria! Né, não é que as outras pessoas não eram, mas meu irmão ele era uma pessoa que a potência dele de capoeira era muito grande! Então, tipo assim, tinha uma roda, se ele jogasse agora, ele, jogando, ele não cansava! Ele era incansável, portanto, tipo assim, os menino ficava doido pra pegar, derrubar! Então ele era muito arisco! Então, a alegria da roda era ele.

Através da capoeira, da umbanda, candomblé e do “moçambique”¹², não apenas preserva suas tradições, mas também busca inspirar outros a valorizar suas próprias histórias e identidades culturais. Sua jornada é um testemunho do poder de transformação com a arte e a cultura na superação de adversidades e na construção de um sentido de pertencimento.

Aborda sobre as rupturas e transformações que marcaram sua trajetória espiritual e educacional. Ela enfatiza a ideia de que tudo acontece no tempo certo e que as mudanças são parte de um propósito maior. Ao sair do ambiente religioso onde frequentava, percebeu que esse corte a abriu para novas oportunidades, como a universidade, permitindo um desenvolvimento pessoal e espiritual que antes não era possível. Distingue as faces da religiosidade e instituições, destacando que, ao se dedicar a uma instituição, muitas vezes se entrega a uma visão limitada da fé, o que a fez optar por não manter uma casa aberta. Para ela, o foco deve ser no conhecimento e na expansão da visão cultural e espiritual, o que lhe permite ajudar outros a se desenvolverem também. Ela critica a falta de apoio educacional que muitos líderes religiosos têm, contrastando com o apoio que instituições como a Igreja Católica oferecem aos seus membros.

Ela menciona a importância de uma mentora que a incentivou a buscar educação superior e a ampliar suas perspectivas. Neste sentido reconhece que as práticas religiosas muitas vezes mantêm as pessoas em um estado de opressão e que é essencial romper com essas barreiras para alcançar um maior desenvolvimento pessoal e coletivo. Para ela, a prática da religiosidade deve estar alinhada com o aprendizado e a busca pelo conhecimento, permitindo que a espiritualidade seja vivida de maneira mais plena e consciente.

Ela relata sobre a importância de dialogar e aprender com outras práticas religiosas, afirmando que, independentemente da crença, todas têm suas histórias e valores. Sua jornada é um testemunho da busca por autoconhecimento e a importância de se desprender de visões limitadas para abrir espaço para novas experiências e saberes.

A entrevista amplia sua voz ao revelar questões profundas sobre a dinâmica de gênero e raça nas práticas culturais e religiosas do reinado, destacando o machismo enraizado em suas estruturas duras e a discriminação racial. Enfatiza a força das mulheres nas tradições, apontando que, apesar de serem as principais praticantes, muitas vezes são excluídas dos papéis de liderança e de reconhecimento. Ela ainda discute como a hierarquia de gênero impede que mulheres toquem instrumentos ou assumam posições de destaque,

¹² Moçambique ou Massambique são termos que designam as Guardas dos Reinados na região.

mesmo quando demonstram habilidade e devoção. Essa desigualdade é exacerbada em contextos como o reinado, onde a figura masculina é frequentemente priorizada na herança e na liderança.

quem tocava caixa era homem! E teve uma época que as mulheres começavam a tocar caixa! (...) E eu sempre tive uma sensibilidade auditiva com toques musicais muito fácil! Então eu já sabia o toque né! Aí eu fui e falei, “Não, vou tocar caixa!”; “Ah não, você é muito nova!”; falei “Não, vou tocar caixa!”; aí comecei a tocar, comecei a revezar, comecei a ajudar! E despertou um leque nas mulheres, de ver nós duas pequenas tocando caixa! Então, tipo assim, “Nóh, mas elas são tão novas, tocando caixa!”, e eu ia ensinando ela e falando com ela, e fui desenvolvendo esse lado, esse despertar nas mulheres! Portanto, na guarda, as mulheres que não tocavam caixa, sempre pedia “Oh Jessica, me ajuda a tocar caixa!”, pedia “Oh Jessica, me ensina a tocar caixa!”. E eu fui despertando isso nelas!

937

Sobre a negritude e branquitude, a entrevistada defende que o reinado deve ser um espaço inclusivo, onde todas as pessoas, independentemente de sua raça/etnia, podem expressar sua fé. Ela critica a ideia de que apenas pessoas negras podem dançar ou participar ativamente, sublinhando que o racismo é um problema que afeta todos e que a prática da fé deve ser universal. Destaca a importância do respeito entre as gerações, mencionando que a rivalidade entre diferentes irmandades e a falta de aprendizado mútuo têm contribuído para a deterioração das tradições.

Finalmente, ela aponta que a busca por reconhecimento e a vontade de compartilhar experiências espirituais são vitais para o futuro do reinado, e que é necessário um esforço consciente para reverter as tendências atuais de divisão e egocentrismo.

A entrevistada (E5), traz muitos temas interessantes relacionados à religiosidade, às práticas de cura espiritual e ao respeito pelas tradições religiosas, como o Reinado e o terreiro de umbanda. Ela reflete sobre a importância da fé, a discipulação no trabalho espiritual, e as reações da comunidade, revelando aspectos culturais e espirituais profundos do ambiente em que ela vive. Ela também menciona momentos em que experiências premonitórias influenciaram a vida dela e dos familiares, destacando como sua mediunidade é uma parte central de sua identidade. O relato inclui o cuidado em respeitar o espaço de cada um e a ideia de que a fé e a benção são pessoais e se manifestam de formas diversas, o que ela exemplifica por meio das práticas de cura e das interações com aqueles que buscam sua ajuda. Sobre sua mãe, revela que,

Minha mãe sempre trabalhou, minhas tias sempre trabalharam fora. Então elas achavam bom que não dava tempo delas cuidar. (...) . Tanto que eu falo, “Eu tenho o dia das mães e eu tenho o dia dos pais! Mas eu falo, meu pai usa calcinha e sutiã, porque ela é meu pai e minha mãe!”. Não me preocupa. Eu sei que eu tenho pai. Mas eu acho assim, não é só falar “Eu sou seu pai!”. Tem que ter uma história, não é? Você não está atrás de uma história? Tem que ter uma história!” E não tive! A história minha é minha mãe!

Ah Dia dos Pais na escola! Quem que aparecia? Minha mãe! Fazia homenagem! Ah então são coisas que a gente vê hoje, o jovem muitas das vezes: “Ah fulano está revoltado por falta do pai!” Oh gente, trabalha a cabeça da criança que não é assim não! E hoje eu sei que eu vou ganhar, eu vou perder, eu vou ficar sozinha, já tive decepções, vou continuar tendo! Então a gente, da cabeça, eu acho que essa geração nossa que vem aí está meio difícil! E eu não, eu lembro de cada história da minha mãe, já basta que nós duas somos muito ligadas! Tudo dela sou eu! Tratamento médico, eu que acompanho!

A entrevistada enfatiza a importância da discricção e respeito ao falar sobre a espiritualidade, destacando que o médium não deve "sair falando aos quatro cantos". A narrativa abrange desde experiências em sua juventude, onde sua mãe a ensinou sobre a responsabilidade da mediunidade, até episódios mais recentes, quando seus dons intuitivos ajudam familiares e amigos. Ela também relembra momentos marcantes, como o aviso sobre a morte de sua avó e a confirmação de uma gravidez na família, episódios que reforçaram a confiança de sua mãe em suas percepções espirituais.

O relato oferece uma visão sensível sobre a fé popular e a relação com a espiritualidade no cotidiano, onde o ato de benzer, as festas religiosas e as práticas de terreiro se misturam e reforçam a comunidade e a espiritualidade, enraizando esses valores em sua cultura e na sua vida.

A narrativa é rica em linguagem popular e traz uma reflexão sobre o peso das tradições culturais e espirituais no cotidiano, abordando tanto desafios quanto momentos de cura e aprendizado.

A entrevistada (E6) revela uma narrativa rica em experiências de vida, superação e resistência. Ela compartilha sua trajetória desde a infância, marcada por perdas familiares e desafios, até sua ascensão acadêmica e sua atuação como líder comunitária no Coletivo Mãe Preta. Relata a perda precoce dos pais e a responsabilidade que assumiu desde jovem. Sua mãe, que, apesar de analfabeta, lhe transmitiu ensinamentos valiosos sobre plantas medicinais e a importância da ancestralidade. Ela expressa dor pela falta de conhecimento sobre suas origens familiares, mencionando a diáspora e as consequências do colonialismo. Lembra de sua infância difícil em uma cidade do interior, onde buscava água e cuidava de irmãos mais novos após a morte dos pais.

Ela também critica a convivência do Estado em sua vida e a morte de familiares devido à fome e à falta de assistência médica. Destaca sua gratidão por aqueles que a apoiam e cuidam dela, refletindo sobre o papel das mulheres negras e a luta contra o patriarcado. A conversa também aborda a importância de saberes ancestrais e o uso de plantas medicinais, revelando uma conexão profunda com suas raízes e a busca por identidade em meio a desafios sociais e pessoais.

Enfatiza a importância da educação, especialmente a Educação de Jovens e Adultos, que lhe permitiu acessar a universidade e se afirmar como mulher preta e periférica. Sua história é permeada por uma luta constante contra a invisibilidade e a desvalorização, tanto em sua vida pessoal quanto no ambiente acadêmico. Agradece às pessoas que acreditaram nela, que a incentivaram e reconheceram suas contribuições.

A vivência da entrevistada está intimamente ligada à sua ancestralidade, refletida em suas práticas culinárias e no modo como ela valoriza os saberes tradicionais da cozinha. O ato de cozinhar é apresentado não apenas como uma necessidade, mas como um ato político e de resistência, onde a comida é entendida como uma forma de afeto, identidade e memória. Além disso, menciona sua atuação no Coletivo Mãe Preta, que busca resgatar e compartilhar esses saberes ancestrais, promovendo ações de acolhimento e solidariedade com a comunidade. Ela enfatiza que a comida tem um significado profundo e que deve ser preparada com amor, respeito e conexão com a história de seu povo.

Em suma, a entrevistada traz à luz de que "O turbante representa a força da mulher ancestral, das mulheres que vieram antes de mim, que estavam na cozinha e amarravam panos no cabelo para esconder os cabelos. Eu uso turbante em honra a essas mulheres e respeito a essas mulheres." Para tanto, temas como ancestralidade, educação, resistência e a importância da comida como um meio de conexão com a cultura e a identidade negra, além de abordar as injustiças sociais enfrentadas por mulheres negras na sociedade contemporânea.

Vale destacar a riqueza das narrativas trazidas pelas entrevistadas, que evidenciam a importância da tradição oral como forma de resistência e valorização da ancestralidade afro-brasileira. Por exemplo, o depoimento da entrevistada E1 ressalta o papel do reinado como espaço espiritual profundo, onde o uso do celular é proibido para preservar a dedicação e o respeito aos antepassados, ilustrando a força das práticas culturais que resistem às influências da modernidade. A inclusão de mais relatos similares pode ampliar o ecoar dessas vozes e fortalecer a compreensão da diversidade experiencial das mulheres negras na região.

Considerações, implicações e possibilidades

A história das mulheres negras no Brasil é marcada por lutas, resistência e resiliência. No contexto de Minas Gerais, o projeto "Entre Rainhas, Mestras e Mães Negras", emerge como uma iniciativa fundamental para valorizar as narrativas de vida dessas líderes comunitárias, que frequentemente permanecem à margem da história oficial. As implicações e possibilidades do projeto percorrem eixos que incluem diversas contribuições significativas para a valorização da cultura afro-brasileira e a promoção de uma educação antirracista.

O projeto possibilitou a criação de um acervo material e audiovisual que documenta as histórias de vida das mulheres negras líderes, fortalecendo a memória coletiva e a identidade cultural da região. Além disso, reforçou o caráter extensionista da UEMG/Unidade Divinópolis, promovendo a disseminação de conhecimentos e valores antirracistas, e ampliou as discussões sobre a História Oral e sua relevância para a educação étnico-racial. Foi iniciada também uma cartografia das manifestações religiosas de matriz africana e afro-brasileira nos municípios envolvidos, facilitando o reconhecimento e valorização dessas práticas culturais. O projeto destacou aspectos socioculturais afro-diaspóricos, promovendo a inclusão cultural e a cidadania ativa, abordando temas como trabalho, geração de renda, alimentação, lazer e a relação com o meio ambiente.

Além disso, teve um foco na emancipação e na construção da autonomia das mulheres participantes, promovendo solidariedade e transformando suas relações com o mundo. Como resultado, surgiram novas narrativas e abordagens, culminando na criação do projeto “Memórias do Rosário Cantado e Contado”, desenvolvido em colaboração com uma das entrevistadas.

Essas criações demonstram a importância do projeto não apenas para as participantes, mas também para a comunidade em geral, contribuindo para uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária a partir da inspiração de Nego Bispo, também conhecido como Mestre Antônio Bispo dos Santos:

Nós somos o começo, o meio e o começo. Existiremos sempre, sorrindo nas tristezas para festejar a vinda das alegrias. Nossas trajetórias nos movem, nossa ancestralidade nos guia (NEGO BISPO, 2023)

Este transbordar gera a ideia de que nossas histórias são rizomas cíclicos, entrelaçando passado, presente e futuro, destacando a resiliência das comunidades, que, mesmo diante dos desafios, encontram formas de celebrar a vida e a ancestralidade. A menção às trajetórias individuais e coletivas enfatiza como as experiências de cada uma contribuem para um legado comum, orientando e inspirando as gerações futuras. Essa visão sugere que a memória e a celebração das alegrias e tristezas são fundamentais para a construção de identidades e para a continuidade das histórias.

Ao erguer as vozes coletivas de lutas e abrir os corações, pedimos licença à ancestralidade que nos acompanha nesta cartografia de histórias e saberes. A Sociopoética nos convida a mergulhar nas profundezas da memória coletiva, onde a resistência e a criatividade se entrelaçam como raízes em movimento na terra fértil da identidade. Neste diálogo sagrado, cada palavra se torna o ecoar das vozes que nos precederam. É uma dança de saberes, onde a arte se transforma em um veículo de luta e afirmação. A resistência não é apenas um grito, mas uma melodia harmônica que ressoa no íntimo das lembranças de que somos herdeiras(os) de uma rica tapeçaria cultural.

Nas vozes que ecoam ao longo da história, a resistência e a busca por identidade dançam como luzes na escuridão. Das minas, a escritora Conceição Evaristo fala de sua escrita como um abrigo onde as mulheres encontram acolhimento e força, revelando a necessidade de espaços que celebrem a autenticidade de cada voz. Sueli Carneiro afirma que as mulheres negras são as pioneiras do feminismo em nosso país, sublinhando a força e a importância de suas vozes na transformação social. Djamila Ribeiro, filósofa e ativista, nos convida a refletir: não podemos falar de uma consciência humana plena enquanto a dignidade das pessoas negras permanece ameaçada. A intersecção entre direitos e identidade se torna um clamor por justiça. Marília de Dirceu fala sobre a dor e a resistência da mulher negra, trazendo à tona questões de ancestralidade e pertencimento, no qual a poesia é um grito de liberdade. Eliane Alves Cruz, destaca a importância de contar histórias que retratam a vida das mulheres

negras, afirmando que essas narrativas soam como ferramentas para a transformação e empoderamento.

De outras minas, Angela Davis, uma força indomável, declara que em um mundo enredado pelo racismo, ser apenas não racista é insuficiente. Devemos ser antirracistas, engajando-nos ativamente na luta contra as correntes da injustiça que aprisionam tantos. A palavra se torna um ato de resistência. Elza Soares, com sua música poderosa, recorda que a liberdade e as escolhas que temos hoje foram conquistadas por aquelas que enfrentaram o risco e a dor, um tributo à luta das gerações passadas. James Baldwin nos lembra que a busca pela identidade é uma jornada incessante, enquanto Maya Angelou nos conecta à nossa humanidade compartilhada, afirmando que nada do que é humano nos é estranho. Zora Neale Hurston proclama que a liberdade deve permeá-las em todas as suas ações, e Toni Morrison nos adverte que o passado nunca desaparece; confrontá-lo é um passo crucial para o futuro. bell hooks entrelaça a luta pela liberdade com a busca por uma identidade autêntica, lembrando-nos que conhecer a si mesmo é o primeiro passo para a libertação.

Essas palavras, carregadas de resistência, emoção e verdade, ecoam a luta e a espiritualidade de um povo que busca não apenas sobreviver, mas florescer em autenticidade e dignidade. Elas nos lembram que a resistência é uma arte e que cada voz é um fio na tapeçaria vibrante da história.

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004b.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019;

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra**. In: Revista Sociedade e Estado. Volume 31, Número 1, Janeiro/Abril 2016.

BRASIL. Resolução nº 510/2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº 003/2004 sobre “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”**. 2004.

BRASIL, Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Brasil. **Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2 / de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011b.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. SciELO-EDUFBA, 2008;

GIGLIO, Sérgio Settani; TONINI, Marcel Diego. **Reflexões teórico-metodológicas acerca do futebol e fontes orais**. In: História Oral, v. 24, n. 2, p. 11-32, jul./dez. 2021.

GOMES, F.A 2014. **Relações de Gêneros no mundo do trabalho: um estudo com mulheres feirantes no interior da Bahia**. XXXVIII Encontro da ANPAD.

LABORNE, Ana Amélia de Paula. **Branquitude e colonialidade do saber**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 6, n. 13, p. 148-161, 2014.

LEMONS, Vilma; PERAZZO, Priscila F.; OLIVEIRA, Rebeca Nunes Guedes. **Educação e trabalho de mulheres negras: histórias de vida na interseccionalidade entre gênero e raça**. In: História Oral, v. 25, n. 1, p. 93-113, jan./jun. 2022.

MATTOS, Hebe Maria. **História Oral e Memória: a cultura do vivido**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

MEIHY, J. C. S. B.. **Desafios da História Oral Latino-Americana: o caso do Brasil**. In: Marieta de Moraes Ferreira; Tania Maria Fernandes; Verena Alberti. (Org.). História Oral: Desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, v. , p. 85-97.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 5 ed. 2019.

NOGUEIRA, Claudete de Souza. **Memórias subterrâneas, histórias (re)visitadas: a contribuição da metodologia da história oral em estudos de grupos étnicos**. In: História Oral, v. 16, n. 1, p. 51-67, jan./jun. 2013.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SOUZA, Suely Pinheiro de; HOT, Amanda Dutra. **História, Identidade, Aspectos Sociais e Econômicos: uma análise da Comunidade Quilombola Mocó.** In: DESLANDES, Keila (org). Atos, Pactos e Impactos: Direitos humanos e Gestão de Políticas Públicas. 1 ed. Fino Traço. Belo Horizonte: 2015.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓCIA, Liliana da. **Pistas do Método da Cartografia.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos. vol. 2. n. 3. Rio de Janeiro: 1989, p. 3-15. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 15 jul. 2020.

SANTOS, Alexandra. **O sabor da história: práticas alimentares e identidade quilombola.** Intratextos, Rio de Janeiro, Número Especial 03, pp.54-71, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/viewFile/3134/2240>. Acesso em: 20 ago. 2018

THOMPSON, Paul. **História Oral e Contemporaneidade.** HISTÓRIA ORAL: Revista da Associação Brasileira de História Oral, n. 5, v. 5. São Paulo: jun. 2002.

_____. **A Voz do Passado: história Oral.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

SOUZA, Letícia C. M. de. Sobre colorismo, privilégios e identidade racial. [2018]. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/sobre-colorismo-privilegios-e-identidade-racial/>> Acesso em: 17, ago. 2021.